

A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A TEORIA DO APEGO DE JOHN BOWLBY EM PARCERIA COM MARY AINSWORTH FRENTE ÀS IMPLICAÇÕES NA PÓS-INFÂNCIA E NA VIDA ADULTA

Genilson dos Santos¹

Sandra Patrícia Lamenha Peixoto²

Psicologia



cadernos de
graduação
ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A Psicologia do Desenvolvimento abarca vários conceitos e teorias relativas ao complexo comportamento humano, uma vez que trata do ciclo vital desde a concepção até a senescência. Assim, o presente artigo tem o objetivo de desenvolver teoricamente uma revisão bibliográfica da temática sobre a interação mãe-bebê, tomando como base algumas teorias psicológicas e em especial trazer informações sobre a Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby em parceria com Mary Ainsworth. Tomando como base a Teoria do Apego, foram apresentados os diversos padrões de apego na infância e as implicações desses padrões na fase pós-infância, na adolescência e na vida adulta, pois os padrões de apego têm uma mudança singular, tendo em vista a natural mutação de visão de mundo ao longo da ascensão do ciclo de vida. Logo, para este trabalho foram pesquisados materiais científicos relacionados à temática por meio de bases de dados como SciELO e PePSIC, e referenciais bibliográficos encontrados na biblioteca do Centro Universitário Tiradentes (UNIT). Neste estudo, pode-se concluir que os seres humanos desenvolvem padrões comportamentais de apego por via dos seus relacionamentos ao longo da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Relação Mãe-bebê. Teoria do Apego. Padrões de Apego.

ABSTRACT

Developmental Psychology encompasses various concepts and theories relating to complex human behavior, since it deals with the life cycle from conception to senescence. Thus, the present article aims to develop theoretically a bibliographical review of the topic of mother-baby interaction, based on some psychological theories, and especially to bring information about the Theory of Attachment developed by John Bowlby in partnership with Mary Ainsworth. Based on the Attachment Theory, we will present the various patterns of attachment in childhood and the implications of these patterns in the post-childhood phase, adolescence and adulthood, since patterns of attachment have a singular change in view of the natural mutation of world vision along the rise of the life cycle. Therefore, for this work, scientific materials related to the subject were searched through databases such as SciELO, PePSIC, and bibliographic references found in the UNIT library. In this study, it can be concluded that humans develop behavioral patterns of attachment through their lifelong relationships.

KEYWORD

Mother-baby Relationship. Theory of Attachment. Attachment Pattern

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da interação da mãe com o seu bebê ocorre desde a concepção e se estende aos anos posteriores de sua infância, historicamente vários estudos tendem a descrever sobre necessidade do conhecimento, o que permite ajudar a entender como as relações sociais se estabelecem na futura vida social da criança e esse conhecimento se dá pela teorização de quem se propõe ao estudo do fenômeno relacional entre mãe e bebê. Teorias como as de Margaret Mahler, Jaques Hochmann, Erik Erikson e René Spitz serão apresentadas para que haja comparação teórica entre esses conhecimentos como o que foi teorizado por John Bowlby e Mary Ainsworth.

O presente artigo foi motivado pelos conhecimentos adquiridos na disciplina Psicologia do Desenvolvimento e pela necessidade de ampliação dos conhecimentos sobre a teoria do Apego de John Bowlby e Mary Ainsworth e seus estudos sobre a relação mãe-bebê, o que possibilitou perceber com mais sensibilidade a afetividade e importância dessa interação para a formação da personalidade. Sendo assim esse trabalho objetiva descrever a relação mãe-bebê e a Teoria do Apego frente às implicações na adolescência e na vida adulta.

A relação da mãe com o seu bebê é objeto de estudo circundante em várias teorias da psicologia, em especial os que se dedicaram ao estudo do desenvolvimento humano. Vários trabalhos apontam que o surgimento dessa relação ocorre bem antes do nascimento do bebê, uma vez que a ligação natural existente no processo de ges-

tação, por si só, já demonstra que há relação dúbia, entre duas variáveis existenciais em que uma é a mãe e a outra o ser que está sendo gerado no seu ventre.

A denominada "a era da mãe", fenômeno do desenvolvimento humano denominado por Griffa e Moreno (2008) como o período iniciado na fecundação e repercutido até a criança atingir o terceiro ano de vida, momento da existência de ambos (mãe-bebê) composta de muito afeto e de certa forma, mantendo um isolamento em relação ao meio que os cerca. Em seu artigo, Borsa (2007) afirma que em estudo sistemático sobre esse tema, os resultados sugerem que conhecer o bebê antes do nascimento, estar com ele, pensar sobre ele, imaginar suas características, traz implicações para a construção da representação do bebê, da maternidade e para a posterior relação mãe-bebê quando este já tenha nascido.

O metabolismo do feto se desenvolve via participação natural com o metabolismo da grávida. Essa é uma maneira de claramente elucidar a forte ligação existente entre a mãe e seu bebê sob a perspectiva do caráter biológico. A partir de aproximadamente a décima semana de gestação, o feto engole e inala um pouco do líquido amniótico no qual está imerso. O líquido amniótico contém substâncias que atravessam a placenta e passam da corrente sanguínea da mãe para a corrente sanguínea do próprio feto (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

Jaques Hochamann, segundo Papalia, Olds e Feldman (2010) aponta que, o que é estabelecido na vida intrauterina não volta e não existe reconstrução, logo o que se adquiriu durante a experiência fetal, é determinante na formação social da criança, uma vez que o feto não é apenas um ser que posteriormente irá ter vida, ele em si já é vida, e a relação afetiva dele está nesse período entrelaçada à vida da sua mãe, compondo além do fenômeno biológico o psicológico também.

Algumas pesquisas como a de Bee e Boyd (2009) e Papalia, Olds e Feldman (2010) apontam que os fetos têm desenvolvido a sua capacidade de responder a sons como os batimentos cardíacos e movimento corporal, e depois de terem nascidos têm respondido socialmente a preferência de sons escutados anteriormente no ventre materno, o que deixa claro o quanto essa relação influencia na percepção de mundo do bebê.

Após o nascimento, inicia-se um novo período dessa relação. Com o corte do cordão umbilical termina uma ligação física muito íntima em relação à mãe e começa uma ligação emocional e afetiva cuja qualidade terá forte impacto na adaptação à realidade, sobretudo no plano do relacionamento interpessoal.

Moura e Ribas (2012) argumentam que as interações mãe-bebê formam a gênese dos processos psicológicos, sendo a mãe o primeiro adulto a manter interação com o bebê, formando assim zonas de construção. Esse conceito demonstra o quão importante é tal relação na formação de um indivíduo e que é necessário que a mulher esteja apta psicologicamente para que ela tenha condições de cuidar do seu filho, embora, mãe em psicologia, não é em si uma mulher, mas alguém que assume esse papel, todavia, neste artigo, não irá detalhar esse aspecto, mas trazer elementos que subsidie a relação materna com a mãe biológica.

É indispensável, retomando a união do bebê com a mãe natural, chamar a atenção de que essa relação é significativa de afetividade ao ponto de os primeiros mo-

mentos dessa relação, cerca de 60 minutos iniciais de vida do recém-nascido (RN), serem precursores de apego e a primeira oportunidade da mãe ser sensibilizada pelo seu bebê. A relação estabelecida nos primeiros minutos de vida do bebê está diretamente atrelada ao vínculo posterior, ou seja, esses primeiros minutos são determinantes na formação do apego (CRUZ; SUMAN; SPINDOLA, 2007). Conforme os mesmos autores bebês que eram acariciados pela mãe logo após o nascimento, apresentavam uma incidência menor de resfriados, gripes, vômitos ou diarreias.

Na tentativa de explicar em porque uma criança se liga a sua mãe, Santos (2009) destaca que os estudiosos do fenômeno relativo ao vínculo, chegaram à conclusão de que ele surge a partir da dependência da satisfação fisiológica que o bebê tem da sua mãe (cuidadora). No entanto, o vínculo não se forma apenas em detrimento da necessidade fisiológica, o contato do bebê com a mãe é quem determina o quanto de afeto existe naquela relação e que a procura desse afeto se caracteriza pela persistente e forte emoção quase incontrolável, presente na relação.

Não é à toa que o vínculo mais persistente e mais precoce de todas as formas é o vínculo entre mãe e seu bebê, que geralmente dura até a idade adulta. O estilo de comportamento da mãe e o quão disponíveis e apropriadas são suas respostas também servirá de base para a construção de apego nas relações que a criança irá estabelecer ao longo da vida.

É inevitável e relevante citar que há homogeneidade entre aspectos sociais e aspectos biológicos na vida de alguém: “De fato, há um caráter indissociável do biológico e do social na natureza humana” (SANTOS, 2009, p. 195), as inaptidões do recém-nascido são tão somente parte do processo evolutivo de desenvolvimento natural dos seres humanos. Sendo assim, percebe-se que os bebês nascem biologicamente preparados para participar e serem agentes da matriz social (SEIDL-DE-MOURA *et al.*, 2007).

A junção da biologia com o desenvolvimento evolutivo tanto de animais ou humanos, abarca um novo campo de estudo, esse aspecto de estudo é denominado etológico ou etologia, que é conforme Papalia, Olds e Feldman (2010) o estudo das bases de ordem biológica e evolutivas do comportamento, estudadas geralmente em ambiente natural, sendo que a relação mãe-bebê é uma significativa variável de estudo.

Schultz e Schultz (2013) ao se referir a Erik Erikson, preconizam que este teórico observa na primeira etapa do desenvolvimento humano, das oito propostas por ele, que ocorre um sistema de relacionamento com a mãe que ele chamou de confiança básica versus desconfiança básica, esta base confiável ou desconfiável inicia no primeiro ano de vida e perdura até cerca de dezoito meses posteriores.

Dentre essas teorias que se encarregam de investigar o comportamento humano a partir da interação mãe-filho, está a Teoria do Apego de John Bowlby, a qual terá espaço neste artigo, será apresentada para enriquecer a relação mãe-bebê. Será a partir das teorias de John Bowlby e Mary Ainsworth.

Um dos pontos mais relevantes da Teoria do apego de Bowlby gira em torno do comportamento de apego que se estabelece na interação do bebê com sua mãe, que embora não seja a única pessoa a que o se apegue, é geralmente à ela que o

recém-nascido investe em seu comportamento de se apegar a alguém, uma vez que a Teoria do Apego preconiza que existe pré-disposição inerente a pessoa humana de se apegar a pelo menos um cuidador primário e o seu primeiro elo de se relacionar está intimamente interligado à sua mãe, salvo quando há algum imprevisto no percurso de desenvolvimento, e mais tarde, depois que já está estabelecida a relação de apego com a mãe, o pai e a rede de familiares mais próximos como os irmãos, também podem ser figuras de apego. Sobre essa relação materno infantil, Bowlby e Ainsworth (1981, p. 73) apontam que

Uma criança precisa se sentir que é objeto de orgulho para a sua mãe, assim como a uma mãe necessita sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho: ambos precisam se sentir profundamente identificados um com o outro. Os cuidados maternos com uma criança não se prestam a um rodízio; trata-se de uma relação humana viva, que altera tanto a personalidade da mãe quanto a do filho.

Este teórico define comportamento de apego como todo comportamento com vistas a aproximar o bebê da sua figura de apego, cuja criança percebe emanar dessa pessoa (diga-se aqui, a sua mãe) segurança e provimento fisiológico ou emocional. A essa confiança na figura de apego, Moneta (2014) aponta que Bowlby chamou de Modelos de Trabalho Interno. Tecendo mais contribuição a isso, Gomes (2011, p. 22) destaca que “os comportamentos de apego são, portanto, complementares aos comportamentos exploratórios, pois permitem à criança experienciar o mundo em condições mais seguras”.

Bowlby (2002) distingue quatro tipos de comportamentos do bebê que ele considera direcionados ao apego, que são eles: sugar, chorar, sorrir e seguir, e esse comportamento contribui para a proximidade com a mãe e como resultado dessa combinação, a formação do apego, as relações de apego passam a ocorrer com o propósito de garantir ao ser humano a proteção, o suporte e a segurança necessária para sua saúde mental e que o apego é solidamente estabelecido depois dos seis meses de vida da criança (BOWLBY, 2002).

Os primeiros três anos de vida são bastante significativos para o desenvolvimento global da criança, com atenção ainda mais especial para os primeiros doze meses, e é nesse interim entre o nascimento e o terceiro ano de vida que o cérebro tem sua maior plasticidade em funcionamento (BOWLBY, 2002; MONETA, 2014).

E imprescindível dizer que nessa relação diádica entre mãe e filho, Bowlby (2002) informa existir mudança do comportamento da mãe, uma vez que ela está disponibilizando afetos e cuidados físicos e fisiológicos para a criança, e isso irá determinar o grau de apego que a criança possuirá, logo, há uma modulação no comportamento do bebê sob os cuidados da mãe e inversamente, a mãe é modulada sob o comportamento do bebê.

Na definição de apego desenvolvida por Bowlby, ele faz uma diferenciação entre o que compete a mãe e o que compete ao bebê nessa relação primária: “O apego

se limita, então, ao comportamento dirigido a alguém considerado mais capaz de fazer frente à situação, enquanto cuidar especifica o comportamento complementar para alguém considerado menos capaz de assim agir” (BOWLBY, 2002, p. 468).

É verdade que nem todas as crianças no mundo têm a mesma disponibilidade de ter uma mãe acolhedora que lhe permita gozar da satisfação do vínculo de apego, e isso abarca um grande campo de investigação científica da Teoria do Apego que é a Privação Materna.

Em linhas gerais, privação da mãe ou dos cuidados maternos pode ocorrer desde o nascimento, e significa uma situação em que as crianças não recebem os cuidados maternos por vários motivos distintos, que pode ser por que vivem em abrigos ou estão hospitalizadas e/ou mesmo tendo alguém que lhe supra algumas necessidades básicas, não dispõe integralmente aos cuidados necessários que a criança deveria receber. Bowlby e Ainsworth (1981), distinguiram os tipos de privação que uma criança pode sofrer, sendo esses tipos privação parcial, privação quase total.

Se uma criança tinha os cuidados necessários emanados da mãe, mas que em algum momento teve a sua figura de apego levada pelo destino e passa a ser criada por outra pessoa (preferivelmente alguém já do conhecimento da criança), essa criança tende a desenvolver o nível mais baixo de privação, que é a privação parcial. A privação quase total é aquela em que a criança está sendo criada numa instituição e não existe disponibilidade de atenção por parte da sua mãe, mas sim de uma atendente do abrigo ou pela mãe da casa – pessoa responsável pelo abrigo (BOWLBY; AINSWORTH, 1981).

Como a Teoria do Apego é uma parte da Psicologia da personalidade humana, ela ao mesmo tempo preconiza que a falha ou ausência do cuidado materno desde a tenra idade do indivíduo, possibilita a probabilidade dessa criança poder apresentar mais adiante sérios danos a sua saúde mental e ao desenvolvimento da personalidade. Existe uma relação íntima entre falta de amor materno e acometimentos de doenças, danos físicos e danos intelectuais.

O tempo de duração da privação materna determina o quanto de desprotegida pelas circunstâncias uma criança sofre, quanto mais cedo acontece o retorno à sua mãe, menos prejuízo há (BOWLBY; AINSWORTH, 1981). Após três meses de privação a recuperação para a retomada do apego, se torna quase que impossível de ser reconstituída.

Evidências apontam para o favorecimento da saúde em todos os aspectos, entre as crianças criadas num seio familiar em detrimento às crianças criadas nos abrigos. Isso demonstra que a Teoria do Apego além de ser uma teoria para a formação do apego, é também uma teoria para o funcionamento familiar dos indivíduos. Crianças sem um lar e uma família certamente têm uma desfavorável apreensão cognitiva e social, e durante esse tempo de privação, sérios comportamentos inadequados podem surgir. Bowlby e Ainsworth (1981, p. 27) descrevem em sua obra

Na maior parte desse tempo, ela fica num estado de desespero agitado, gritando ou gemendo. Recusa tanto o alimento quanto a ajuda. Apenas a exaustão a leva ao sono. Depois de alguns dias, a criança fica mais quieta e pode cair em

apatia, da qual vai emergindo lentamente para começar a se interessar pelo ambiente estranho. Contudo, durante semanas, ou mesmo meses, ela poderá apresentar uma regressão a comportamentos de bebê. Poderá molhar a cama, masturbar-se, parar de falar e insistir em ser carregada no colo, de tal forma que uma atendente menos experiente pode julgá-la mentalmente deficiente.

Esse padrão comportamental de crianças que foram privadas do cuidado de suas mães, difere do padrão comportamental a partir das quatro categorias de apegos que a teoria menciona como sendo inerentes a qualquer criança que seja cuidada de alguma maneira por uma pessoa que haja como figura do vínculo de apego.

Mary Ainsworth, colaboradora de John Bowlby sobre a Teoria do Apego, desenvolveu pesquisa a qual consistiu em analisar como bebês africanos de até doze meses de vida se comportavam na ausência da mãe e na presença da mesma - Situação Estranha.

Segundo Ainsworth existe um padrão comportamental que os bebês exibem como forma de apresentarem segurança quando estão na presença da mãe, e um comportamento análogo a esse quando estão confrontados com alguém estranho – por isso que a sua pesquisa investigativa tem a nomenclatura de Situação Estranha.

Para Ainsworth, durante os dois primeiros meses iniciais de vida, os bebês respondem sem discriminação a qualquer pessoa; do segundo para o terceiro mês os bebês continuam investindo seus comportamentos de balbúcio, choro e risos a qualquer pessoa, mas sobre a mãe se investe mais do que em relação às outras pessoas; no sexto e sétimo meses o apego à mãe se intensifica, ao passo que os estranhos passam a serem considerados como ameaças para o bebê e por último, o laço afetivo com a mãe cresce de tal maneira que o pai e os irmãos do bebê também passam a ser figuras de apego por estar associado a rede afetiva da sua mãe, logo, a família é o primeiro grupo social em que se estabelece relações. O trimestre seguinte aos seis meses, os comportamentos para o apego são de fato intensificados, percorre os outros três meses até completar o primeiro ano, seguindo essa dinâmica para o segundo ano de vida (BOWLBY, 2002).

A Situação Estranha preconizada por Ainsworth, seguiu uma ordem laboratorial bastante clara. A técnica utilizada para a coleta dos dados consistiu em conduzir o bebê a um ambiente não familiar a ele, deixá-lo na presença de alguém estranho; logo em seguida a mãe deixa o seu filho no mesmo lugar estranho, sendo dessa vez só, mas com a urgente chegada de uma pessoa não conhecida do bebê em que ele se deparou recentemente; a mãe retorna aquele ambiente e passa a encorajar ao seu filho a explorar o local. A partir desse sistema laboratorial, três padrões de apego foram atestados, a saber: apego seguro; apego evitativo; apego ambivalente ou resiliente.

Em síntese esses padrões de apego seguem evidenciados seguindo as dadas características mencionadas por Gomes (2011) e Papalia, Olds e Feldman (2010) mostradas em tabela abaixo:

Padrão de apego

Seguro	a criança de modo geral chora e protesta quando a mãe se ausenta, e quando ela retorna sentem-se muito alegres por ter de volta a sua figura de apego. A criança se sente em segurança pela chegada da sua mãe, passa a interagir com o meio com facilidade;
Inseguro evitativo	crianças evitativas não se importam quando a mãe se ausenta e evita se aproximar dela no seu retorno;
Ambivalente \ resiliente	demonstram ansiedade antes mesmo da mãe se ausentar, e raiva durante a sua ausência, no seu retorno buscam contato com ela e ao mesmo tempo resistem a estar com ela e ficam com raiva se ela chegar perto.

Fonte: Autores.

Mais tarde alguns colaboradores verificaram a recorrência de um quarto apego, o qual foi denominado de apego desorganizado ou desorientado (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

desorganizado desorientado	a criança recebe bem a pessoa para a qual tem o vínculo do apego, mas depois mantém distância contradizendo o seu comportamento anterior.
-------------------------------	---

Fonte: Autores.

Segundo Moneta (2014), citando Bowlby (1988), a capacidade de resiliência a eventos estressores que ocorrem na criança tem influência direta ao padrão de apego que os indivíduos desenvolvem durante o primeiro ano de vida com o cuidador, mas o apego é mantido e atualizado durante todo ciclo vital, sobre esse aspecto falaremos mais na sequência desse trabalho.

Bowlby tem fundamentado parte de sua teoria para estudar crianças em abrigos como foi exposto na sessão anterior, ele cita que mudanças da figura materna até o quarto ano de vida e a hospitalização em abrigos potencialmente produz nesses indivíduos uma personalidade psicopática e quando chega ao estado da delinquência, dificilmente é tratável. Problemas psicológicos também são acarretados e podem apresentar ainda sociabilidade superficial e promiscuidade nas relações sociais posteriores (BOWLBY, 1981).

Conforme Stratton e Hayes (2009) a formação da personalidade é o conjunto de características do funcionamento comportamental de uma pessoa, ou seja, os ambientes onde uma criança é inserida e as mudanças desses ambientes, determinará como o indivíduo vai se comportar na idade posterior à infância.

Dalbem e Dell'aglio (2005) e Assis (2006) pontuam nesse sentido que distintamente ao padrão de apego na infância em que o apego se volta para algumas pessoas do seu ciclo social (destaco aqui os cuidadores primários), na fase da adolescência e da vida adulta, o que se investiga como fenômeno de apego é o estado mental a partir da história global de cada indivíduo e Bowlby (2002) afirma que quando adulto, o comportamento de apego diminui de intensidade.

A Psicologia do Desenvolvimento, traz a definição de adolescência como sendo o período do desenvolvimento humano que compreende 12 anos até aos 18 anos, e

conforme Stratton e Hayes (2009) é um período de imaturidade, mas que evolui na tentativa de chegar à idade adulta “como base de predição e interpretação do comportamento de outras pessoas com as quais se tem vínculo” (BASSO; MARIN, 2010, p. 94). Conforme Rodrigues e Chalhub (2009) existe uma necessidade natural do ser humano pela autonomia, e ela é sustentada e adquirida gradativamente.

Já a fase adulta é um tanto complexo de conceituar, uma vez que não está atrelado apenas à idade cronológica, mas também ao misto de competências contribuintes para individuação, como autonomia financeira e alargamento da rede de apoio emocional conforme Mota e Rocha (2012), no entanto, mesmo com essa autonomia adulta, o apego à ou às figuras de apego na infância, não deixam de estar presentes na fase adulta, Basso e Marin (2010), e, Bowlby (2002) afirmam em seu trabalho que o apego aos pais persiste durante toda vida, entretanto o que se analisa para fins de comportamento de apego na fase adulta, é a história global da personalidade.

O artigo escrito por Dalbem e Dell’aglio (2005) demonstra o funcionamento das categorias de apego a partir da fase da adolescência e sequencialmente manifestos na vida adulta que são: segura ou autônoma; evitativo ou desapegado; preocupado ou ansioso e desorganizado ou desorientado. Abaixo lista-se e conceitua-se cada categoria ou padrão de apego para além da infância.

Padrões de apego na fase da vida adulta

segura ou autônoma	há espontaneidade e vívida experiências de quando criança, destacando a positividade e equilíbrio na descrição de assuntos considerados traumáticos e de ter confiança nos relacionamentos, inclusive os amorosos.
evitativo ou desapegado	a pessoa tende a apresentar uma ideação da vivência infantil com a presença de falhas das memórias nesse período e efeitos não aceitos ou atenuados vividos na infância; é negativista na relação familiar e ao seu funcionamento.
preocupado ou ansioso	é caracterizado por experiências confusas da infância ou até conflitantes apresentando dificuldade para se voltar às situações da fase infantil, assim como as origens das emoções que eliciam preocupação; os relacionamentos geralmente são frustrantes e demonstram angústia e se mostram confusos a esses relacionamentos

Padrões de apego na fase da vida adulta

conclusão

desorganizado ou desorientado	o indivíduo quando é confrontado com assuntos traumáticos apresenta desorientação e desorganização em seus relatos experienciais (DALBEM e DELL’AGLIO, 2005). É possível a suposição de que pessoas com apego desorganizado tenham vivenciado momentos traumáticos em suas vidas quando infantis tais como luto por mortes, abusos de ordem sexual, de ordem física, agressividade doméstica, dentre outros traumas.
-------------------------------	--

Fonte: Autores.

Em todos os aspectos em que se verifica o comportamento de apego em adolescentes e em adultos, na mesma proporção se verifica semelhança do comportamento nos seus futuros filhos, isso não é nada longe do que a ciência da Psicologia já adianta sob o entendimento de vários teóricos encarregados de teorizar a respeito do processo de formação da personalidade. Todos os seres humanos são sociáveis e o padrão de vida depende do modo de criação que se recebe. Culturas e pessoas modulam e transformam pessoas.

Todavia, o fato dos vínculos afetivos serem bastante intensos com a figura dos pais, não quer dizer com isso que eles ocorram na fase adulta exatamente como são os das figuras de apego (os pais), pois multifatores estão envolvidos no decurso da vida (RODRIGUES; CHALHUB, 2009).

De acordo com Ramires e Schneider (2010) o apego emerge em todo ciclo vital, e ao citar as implicações da Teoria do Apego na idade adulta, Rodrigues e Chalhub (2009) confirmam essa perspectiva ao afirmar que o apego em adultos é produzido nas pessoas por via do vínculo afetivo adquirido na infância, servindo como forma exemplar de todos os comportamentos afetivos futuros, mas jamais pode ser confundido com comportamento regressivo da infância, considerando as preposições a partir do ponto de vista teórico de John Bowlby (2002, p. 257) quando este pontua que “Rotular o comportamento de apego na vida adulta de regressivo equivale de fato, a menosprezar o papel vital que ele desempenha na vida do homem, do berço à sepultura”.

Ainda que tudo o que foi exposto até aqui tenha sustentação científica, é verdadeiro também que atualmente se questiona o fato de pessoas adultas manterem o mesmo padrão de apego em todas as relações sociais a que se vinculam, pois adultos inseguros não vivenciam um estado de insegurança em todos os momentos, o que determina o estado mental seguro ou inseguro são as circunstâncias da vida. Apegos vividos na infância não se generaliza para todos os relacionamentos na fase de desenvolvimento adulto, sendo assim os sistemas podem sofrer algumas mudanças.

Esse último ponto, pensando na questão de potencialidade impressa no ser humano para mudanças amplamente defendido pela Psicologia, passa a ganhar grande repercussão tanto na Psicologia do Desenvolvimento, quanto na Psicologia Clínica e Psicologia da Personalidade, uma vez que o psicólogo clínico dispõe a partir de então, de subsídios para aflorar em seu cliente suas potencialidades e rumar à positividade nos seus relacionamentos, conduzindo a insegurança à segurança.

2 METODOLOGIA

O presente texto consiste em uma revisão de literatura do tipo narrativa, utilizou bancos de dados científicos, bem como literatura da área para abarcar os conceitos propostos. Logo, o intuito foi de trazer conteúdos relevantes às temáticas sobre teorias da interação mãe-bebê com enfoque na Teoria do Apego com implicações na vida pós- infância. Para tanto, foi feita uma pesquisa assistemática sobre o assunto por meio de livros obtidos na biblioteca física do Centro Universitário Tiradentes e em artigos nos bancos de dados como PePSIC, SciELO.

Em seguida, foi realizada uma separação dos materiais mais relevantes à proposta do artigo, descartando conteúdos que não diziam respeito ao que seria abordado neste trabalho. Para isso, foram escolhidos descritores que transcrevessem os conceitos mais importantes, sendo estes: Interação mãe-bebê; Teoria do Apego; Teoria do Apego na fase adulta; Padrões de apego; John Bowlby. Foi realizada uma busca mais geral sobre essas temáticas, e logo após um refinamento sobre o que seria mais palpável para traduzir os materiais encontrados de modo a interligá-los coerentemente.

Para a concepção referente a interação mãe-bebê, foram usados os seguintes materiais: Desenvolvimento de relacionamentos sociais – A criança em desenvolvimento (BEE; BOYD, 2011); Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério (BORSA, 2007); Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê (CRUZ; SUMAM; SPINDOLA, 2007); Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: Vida pré-natal, etapas da infância (GRIFFA; MORENO, 2008); Desenvolvimento e contexto sociocultural: a gênese da atividade mediada nas interações iniciais mãe-bebê (MOURA; RIBAS, 2000); A natureza do vínculo na vida humana (SANTOS, 2009); Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes (SEIDL-DE-MOURA *et al.*, 2008).

Sobre a Teoria do Apego os materiais consultados foram: Apego: A Natureza do Vínculo (BOWLBY, 2002); Cuidados maternos e saúde mental (BOWLBY; AINSWORTH, 1981); Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento (DALBEM; DELL'AGLIO, 2005); A Teoria do Apego no contexto da produção científica contemporânea (GOMES, 2011); Apego y pérdida: redescubriendo a John Bowlby (MONETA, 2014).

E por fim, os trabalhos de Basso e Marin (2010); (ASSIS, 2006); Mota e Rocha (2012); além de Bowlby (2002) e Bowlby e Ainsworth (1981); Ramires e Schneider (2010); Rodrigues e Chalhub (2010) analisam a Teoria do Apego com implicações no ciclo vital pós-infância, uma vez que há uma distinção do comportamento de apego na infância para a vida pós-infância. Ainda foi consultado textos de Papalia, Olds e Feldman (2006) e o dicionário de Psicologia de Stratton e Hayes (2009), ao longo do artigo em apreço.

A pesquisa no entorno de todas as temáticas abordadas foi feita com cerca de 21 trabalhos, distribuídos entre 10 artigos científicos, monografias, dissertações e livros, sendo dois deles de autoria do criador da Teoria do Apego, John Bowlby, um deles em parceria com Mary Ainsworth.

Alguns trabalhos foram descartados quanto à referência a citar por não coadunar com a proposta desse artigo, pois analisavam a Teoria do Apego ou a relação diádica entre mãe e bebê, sob aspectos superficiais ou que estavam ali porque em algum momento fez necessário mencionar tal descritor, mas sem compromisso de narrar sobre.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou uma análise dos aspectos ligados as relações estabelecidas da mãe com o seu bebê durante o recém nascimento, infância, além

de destacar os padrões de apego estabelecidos por via da Teoria do Apego durante a adolescência e vida adulta. Também possibilitou a ampliação de conceitos funcionais da complexa dinâmica do funcionamento humano.

A relação da mãe com o seu bebê é de extrema importância para a formação da personalidade posterior, uma vez que essa relação é primária dentre todas possíveis, mas que o comprometimento dela também se configura de vital importância para a averiguação do funcionamento socioafetivo de um indivíduo, sendo possível citar alguns prejuízos ou benefícios a partir das várias teorias abarcantes desse processo socioafetivo.

A Teoria do Apego é umas das teorias possíveis e necessárias para a compreensão do fenômeno da relação estabelecida pelo bebê com a figura materna a partir do sexto mês de vida. Sendo assim, não há, pela teoria de John Bowlby, quem não esteja enquadrado em sua teoria, seja pela ausência de afetos e figuras de apego, seja pela pouca afetividade ou seja pela riqueza de afetos

A Teoria do Apego é importantíssima para a macro compreensão do ser humano, portanto é indispensável aos psicólogos clínicos, psiquiatras, psicopedagogos, pediatras e profissionais que estejam ligados à formação educacional de crianças e jovens. Destaco aqui, que novas pesquisas podem conceder ainda maiores informações e novas perspectivas a respeito desse assunto, uma vez que o presente trabalho teve a intensão discutir as informações da relevância da interação mãe-bebê e da Teoria do Apego, mas não dá por acabado como todas as informações, necessitando de mais pesquisas que lidem com essa temática tão relevante.

REFERÊNCIAS

ASSIS, R. T. **Uma leitura sobre a teoria do apego e uma aproximação com a metapsicologia via o conceito de pulsão de apego.** Pontifícia Universidade Católica, dezembro de 2006. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/109.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

BASSO, L; MARIN, A. Comportamento de apego em adultos e a experiência da perda de um ente querido. **Aletheia**, v. 32, p.92-103, maio-ago. 2010.

BEE, Hellen; BOYD, Denise. Desenvolvimento de relacionamentos sociais – *In: A criança em desenvolvimento*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 307-320.

BORSA, Juliane Callegaro. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n. 2, p. 310-321, abr.-maio-jun. 2007. Disponível em: www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php. Acesso em:

BOWLBY, John. **Apego: a natureza do vínculo**. V. 1, Trilogia Apego e Perda. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, John; AINSWORTH, Mary D. Salter. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

CRUZ, Daniela Carvalho dos Santos; SUMAM, Natália de Simoni; SPINDOLA, Thelma. Os cuidados imediatos prestados ao recém-nascido e a promoção do vínculo mãe-bebê. **Rev. esc. enferm.**, USP, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 690-697, dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000400021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 jun. 2018.

DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2018.

GOMES, Adriana de Albuquerque. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2011.

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento: vida pré-natal, etapas da infância**. Tomo 1, 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 23-27.

MONETA C, MARÍA EUGENIA. Apego y pérdida: redescubriendo a John Bowlby. **Rev. chil. pediatr.**, Santiago, v. 85, n. 3, p. 265-268, jun. 2014. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-41062014000300001&lng=es&nrm=iso. Aceito em: 5 jun. 2018.

MOTA, Catarina Pinheiro; ROCHA, Magda. Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-indivuação e o jogo das relações. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 357-366, set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000300011&lng=en&nrm=iso. Aesso em: 17 out. 2018.

MOURA, Maria Lucia Seidl de; RIBAS, Adriana Ferreira Paes. Desenvolvimento e contexto sociocultural: a gênese da atividade mediada nas interações iniciais mãe-bebê. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 245-256, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 jun. 2018.

PAPALIA, Diane. E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth. D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2010. p. 35-53; 84-206.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 25-33, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 1 nov. 2018.

RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. Amor com dependência: um olhar sobre a Teoria do Apego. **Psicologia.com.pt**, 2 jan. 2010. Disponível em: Psicologia.com.pt. Acesso em: 30 out. 2018.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. A natureza do vínculo na vida humana. **Revista de Ciências Humanas**, EDUFSC, Florianópolis, v. 43, n.1, p.181-199, abr. 2009.

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney Ellen. Erik Erikson: Teoria da Identidade – *In: Teorias da Personalidade*. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p. 179-204.

SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia *et al.* Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 66-73, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 jun. 2018.

STRATTON, Peter; NICKY, Hayes. **Dicionário de Psicologia**. Trad. Esméria Rovai. São Paulo: Cengage Learning, 2009. p. 4, 99.

Data do recebimento: 9 de agosto de 2019

Data da avaliação: 14 de agosto de 2019

Data de aceite: 14 de agosto de 2019

1 Acadêmico em Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: genilsonpsicologia@gmail.com

2 Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: sandra.lamenha@gmail.com